

O caso *O pequeno Hans*: o sintoma fóbico como janela para o mundo*

*Leilane Gabriela de Souza Bonfim***, Jaguarari

*Rogério da Silva Paes Henriques****, Aracaju

Este trabalho discute o sintoma fóbico no caso do pequeno Hans, comunicado por Freud em 1909. Para tal realizou-se um estudo teórico, cuja metodologia foi a pesquisa bibliográfica. No artigo, considera-se que a fobia, enquanto saída sintomática, serviu a Hans como meio possível para que ele se posicionasse no mundo e se inserisse na ordem simbólica. Assim, trabalham-se temas como a ansiedade, a angústia e a aposta na função de suplência assumida pelo sintoma fóbico de Hans diante da função paterna claudicante.

Palavras-chave: criança, caso Hans, fobia, resolução sintomática.

* O artigo resulta de estudo realizado no mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe, cuja pesquisa maior recebe financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

** Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana pelo Instituto de Psicanálise da Bahia.

*** Pós-doutor em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ). Doutor e Mestre em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e Professor Permanente do Núcleo de Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Este artigo tem como proposta trabalhar a temática da fobia, desvestindo-a do caráter negativo que por vezes lhe é concedido, pois, enquanto saída sintomática – aposta realizada sobre o caso Hans – a fobia pode servir ao sujeito como modo possível de se posicionar no mundo e se inscrever na ordem social. É nesse sentido que o artigo foi nomeado *O caso O pequeno Hans: o sintoma fóbico como janela para o mundo*, entendendo que foi diante da fobia que Hans pôde exercer sua função de sujeito, olhar para o mundo com o recorte que lhe cabia, considerando seus questionamentos, relações familiares, estrutura de devoração materna¹, presença-ausência paterna e sua própria capacidade fantasiosa como estratégia de resposta ao que era colocado como enigma.

Frente ao relato do caso clínico, extraiu-se a questão do sintoma fóbico para ser detalhado, entendendo que foi este que engendrou o comportamento de Hans e viabilizou que houvesse um caso. Segundo Chemama (1995), o objeto da fobia desempenha a função de mascarar a angústia fundamental do sujeito, e no caso de Hans, o cavalo, além de assumir esta função, também representa o falo e não o pai como se pensava. Assim, partindo da questão *Qual o lugar da fobia no caso O pequeno Hans?*, problematizamos se o objeto fóbico seria uma espécie de *crase* entre o valor significante do falo e um apelo ao Nome-do-Pai simbólico, que se resolveria a partir de uma paternidade imaginária. Acredita-se que outras questões poderiam ser discutidas, mas a fobia chamou a atenção pelo fato de o próprio caso desenvolver-se em torno dela, como também pela possibilidade de tirá-la do lugar de *megera* da situação.

Ressaltamos que este artigo é parte do trabalho de qualificação no mestrado em Psicologia Social, cuja pesquisa maior analisa o caso do pequeno Hans fundamentado no diálogo entre Freud e Lacan – seus posicionamentos e interpretações do caso. Quanto à dinâmica metodológica, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, vindo o trabalho a constituir-se como um estudo teórico, sustentado na produção autoral. Desta forma, os temas abordados tratam da fobia e sua relação com a ansiedade, da diferenciação entre fobia e angústia e da aposta da função assumida pelo sintoma fóbico, que seria a de suprir a função paterna claudicante no caso de Hans.

¹ O desejo materno pode produzir estragos, situação metaforizada através da ideia da mãe como crocodilo, uma mãe insaciável, procurando o que devorar, em cuja boca está a criança e um rolo de pedra, simbolizando o falo, o qual impede que a bocarra feche (Lacan, 1969/1970).

***O pequeno Hans*: um olhar sobre o caso**

O caso clínico do pequeno Hans tornou-se conhecido devido a sua importância como primeira análise realizada com uma criança, representando um paradigma para a psicanálise infantil (Freud, 1909). Hans, cujo nome verdadeiro era Herbert Graf, nasceu em abril de 1903, em Viena e seu núcleo familiar contava com o pai, Max Graf, a mãe, Olga Graf, a irmã Hanna – que nasceu quando ele estava com três anos e meio – e sua avó paterna. Além disso, Hans mantinha outros vínculos afetivos com as crianças filhas do senhorio de seu pai, que moravam em Gmunden, cidade onde a família tinha uma casa e costumava passar as férias. Max Graf participava do círculo psicanalítico organizado por Freud, que se reunia às quartas-feiras para discutir teoria psicanalítica. Dada essa convivência e o fato de Max ser um considerado intelectual de sua época, o caso de seu filho teria sido acompanhado por Freud, o qual, anos antes, teria analisado a mãe de Hans, quando esta era mais jovem.

A primeira publicação do caso foi em 1909. Contudo faz-se importante ressaltar que, em 1907, Freud já trazia considerações sobre o caso Hans em *O esclarecimento sexual das crianças* (Freud, 1907) e mais tarde o mesmo caso aparecia no artigo *Sobre as teorias sexuais das crianças* (Freud, 1908). A autoria do caso não pode ser considerada de Freud, mas sim a comunicação do mesmo, uma vez que o caso clínico foi conduzido pelo pai de Hans, orientado por Freud, o qual obteve consentimento expresso do primeiro para publicá-lo. Assim,

O caso clínico, estritamente falando, não provém de minha própria observação. É verdade que assentei as linhas gerais do tratamento que numa única ocasião, na qual tive uma conversa com o menino, participei diretamente dele; no entanto, o próprio tratamento foi efetuado pelo pai da criança (Freud, 1909, p. 15).

Somada à objeção do fato de a análise ter sido realizada pelo pai de Hans, que era orientado pelos pontos de vista teóricos de Freud, outra objeção foi posta, a que dizia respeito à singularidade de Hans enquanto criança. Nesse aspecto, Hans apresentaria uma predisposição para a neurose, contudo devia ser considerado “[...] ilegítimo, portanto, aplicar-se a outras crianças normais conclusões que talvez pudessem ser verdadeiras em relação a ele” (Freud, 1909, p. 109).

Enquanto peculiaridades do discurso na clínica com crianças, Freud atentou para a presença no senso comum de não confiabilidade nas afirmações infantis, porém o próprio não compartilhava da ideia de que as declarações feitas pelas

crianças fossem arbitrárias e sem confiança. Para Freud, o arbitrário não existe na vida mental. Nesse sentido, “A não confiabilidade das afirmações das crianças é devida à predominância da sua imaginação, exatamente como a não confiabilidade das afirmações das pessoas crescidas é devida à predominância dos seus preconceitos” (Freud, 1909, p. 110), o que é acrescido do fato de as crianças não mentirem sem motivo algum, sendo mais propensas, no geral, ao *amor da verdade* do que os mais velhos.

No caso de Hans, o discurso era pontuado pelo “espírito de indagação” (Freud, 1909, p.19), o que o caracterizava como uma criança curiosa. Contudo, com o início da fobia e durante a análise, começaram a aparecer as discrepâncias entre o que ele dizia e o que de fato pensava:

[...] isso acontecia em parte porque o material inconsciente, que ele era incapaz de controlar, de repente se estava forçando sobre ele, e em parte porque o conteúdo de seus pensamentos provocava reservas em relação às suas relações com seus pais (Freud, 1909, p. 111).

Diante disso, a recordação de alguns fatos é imprescindível, a saber: o interesse de Hans pelo próprio *pipi* e os dos outros, incluindo pessoas mais velhas e animais (Lacan, 1956/1957). Também sua curiosidade transfigurada em instinto de inquérito, dizendo com isso de seu interesse pela vida sexual, concepção e nascimento dos bebês, além de seu caráter exibicionista que levava em conta a presença de um terceiro, colocando Hans num autoerotismo que daria a forma para a relação com sua mãe.

Quanto aos questionamentos que Hans fazia aos pais sobre seus *pipis*, Lacan apontou para a confabulação que a criança construía consigo a partir das respostas, muitas vezes parciais, que recebia do pai. Desta forma, ver o *pipi* de animais grandes fê-lo imaginar que a mãe também o tinha e assim passou a vigiá-la enquanto se despia, esperando ver-lhe o *pipi* que deveria ser tão grande quanto o de um cavalo. Proibido de *brincar com seu pipi*, Hans passou a desejar olhar os *pipis* dos outros, desenvolvendo a curiosidade sexual, ao mesmo tempo em que gostava de exibir o próprio órgão. Foi nessa perspectiva que Freud pontuou sobre o prazer que a pessoa sente com seu próprio órgão sexual associar-se à escopofilia nas formas ativas e passivas (ou o prazer sexual em olhar).

No caso de Hans, Freud o colocava do lado ativo da escopofilia, uma vez que a criança declarava a todo o momento o desejo de ver os *pipis* de seus pais, o que pode ter decorrido da necessidade de comparar os dois. Na constituição sexual infantil, a zona genital foi desde o início a zona erógena que mais proporciona

prazer, sendo semelhante ao prazer possibilitado pelas funções excretórias. Essa questão também seria observada na última fantasia de Hans, na qual tinha filhas e cuidava delas, levando-as ao banheiro, limpando-as. O prazer obtido de suas zonas erógenas com a ajuda da mãe – a pessoa que cuidava dele – impulsionava-o a repetir, na fantasia, o que se fazia com as filhas e que teria estado na origem do caminho para a escolha objetal.

Ainda no tocante à constituição sexual de Hans, Freud alertou que uma constituição como a dele não encerraria uma predisposição para o desenvolvimento nem de perversões, nem de seu negativo, limitando-se à consideração de histeria. Em relação à escolha objetal, Freud destacou que Hans poderia ser reconhecido como homossexual – como todas as crianças podem muito bem ser – por conta de ele só ter informação acerca de um tipo de órgão genital igual ao seu. Posteriormente, Hans não veio a permanecer na homossexualidade, mas a caminhar para uma “masculinidade enérgica, com traços de poligamia” (Freud, 1909, p. 117-118):

Sua afeição passou de sua mãe para outros objetos de amor, mas, numa época em que havia escassez destes, sua afeição voltou a ela, só para desabar numa neurose. [...] O objetivo sexual que ele perseguia com suas companheiras meninas, o de dormir com elas, tinha-se originado com relação à sua mãe (Freud, 1909, p. 118).

Para Lacan, quando Hans se exibia, não se tratava de uma simples mostração, mas se tratava de mostração de si mesmo, por si mesmo, à mãe, que seria como um terceiro. Após ter discorrido sobre o Édipo para a menina, Lacan abordou particularidades deste no caso do menino. Assim, de seu ponto de vista, embora a função do Édipo parecesse mais claramente voltada a permitir a identificação do sujeito com seu próprio sexo, o que se produziria na relação ideal, imaginária, com seu pai, o verdadeiro objetivo do Édipo seria a situação do sujeito em relação à função do pai, “[...] isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai” (Lacan, 1956/1957, p. 208).

A partir do interesse pelo *pipi* e do caráter exibicionista que acompanhava Hans naquele momento em que se via inundado pelo autoerotismo, a relação com a mãe se formalizava. Nessa relação, Hans assumia a posição de oferecer à mãe o objeto imaginário do falo, exibicionismo que só tinha sentido frente à presença do grande Outro (Lacan, 1956/1957). Como peculiaridade desta relação tem-se uma “realidade sufocante e única da mãe” (Lacan, 1956/1957, p. 367) a que Hans se sentia ligado, com produção máxima de angústia constituindo uma relação de

devoração. “A partir do momento em que se sente, ao mesmo tempo, entregue à mãe, ameaçado e anulado por ela, esta representa a situação de perigo, perigo, além disso, inominável em si, angústia, falando propriamente” (Lacan, 1956/1957, p. 367), o que viria a constituir uma relação entre a mordida do cavalo, que Hans temeria em sua fobia, e a devoração materna.

Considerando que o exibicionismo da criança parte do complexo de Édipo, há o momento em que a situação oscila e a dimensão da relação simbólica se apresenta, ressaltando-se a inexistência de um momento certo para passagem do jogo imaginário. Se antes o objeto ao mesmo tempo estava e não estava lá (o pênis da mãe), objeto presente e ausente, a partir do momento da virada, o objeto não era mais o objeto imaginário com o qual o sujeito tapeava, mas o objeto sobre o qual o grande Outro era sempre capaz de mostrar que o sujeito não o tinha, ou o tinha de forma insuficiente. Por isso, a castração exerceria a função necessária à assunção do falo materno como um objeto simbólico.

Paralelamente, formalizava-se o Édipo em Hans, caracterizado pelo desejo de livrar-se do pai para desfrutar da mãe. Cabe colocar que a relação de Hans com seu pai foi marcada pela ambivalência do par amor-ódio. Assim, houve o deslocamento do desejo de que o pai fosse embora para o medo de ser mordido por um cavalo, definindo-se uma rivalidade quase fraterna de Hans com seu pai. Para Lacan (1956/1957), essa rivalidade em questão se referia àquelas que entram em jogo na relação especular, na qual *o eu ou o outro* seria questão fundamental, enquanto a fixação na figura materna, que se tornou objeto real após as primeiras frustrações, não mudaria em nada. Por conta do apego a este objeto real – a mãe – se caracterizar como frustrante, todo objeto feminino se constituiria, enquanto desvalorizado, um substituto sempre parcial em referência ao objeto primeiro materno.

Enfim, o complexo de Édipo sinalizaria para o momento em que a mãe era considerada e vivida em função do pai, sendo este um pai no sentido absoluto do termo, um pai simbólico que trazia uma nova dimensão à relação da criança com a mãe. Quanto a esse pai, Lacan escreve: “É ele quem possui a mãe, que dela goza legitimamente” (Lacan, 1956/1957, p. 408). O que permite a instauração da ordem simbólica, dado que o questionamento desta ordem surge na criança pelo viés do “O que é um pai?” (Lacan, 1956/1957, p. 410). O pai seria o pivô da ordem genealógica, entendida como aquela que organiza as possibilidades de como a criança pode se relacionar com um pai e com uma mãe e o que isso significa, pois é o mundo organizado por essa ordem que a criança terá que enfrentar.

Dadas as identificações com a mãe numa relação fantasiosa com o pai,

qualquer que fosse a forma como se apresentasse o impasse da situação de Hans com a mãe, fez-se preciso introduzir nesta outro elemento: o pai chegava como terceiro na relação entre a criança e a mãe, porém muitas vezes chegava em quarto lugar frente à presença do falo inexistente. O pai era entendido como aquele que possuía a mãe, enquanto esta o tinha como pai, com seu verdadeiro pênis, um pênis suficiente, em contraponto com a criança, vítima de um instrumento rejeitado e desdenhado.

Seguindo essa perspectiva, o complexo de Édipo teria seu fim correlativo à instauração da lei, que, mesmo recalçada no inconsciente, torna-se permanente. “É nessa medida que existe algo que responde no simbólico [...]. Ela também está baseada no real, sob a forma desse núcleo deixado atrás de si pelo Complexo de Édipo” (Lacan, 1956/1957, p. 216). A referência que Lacan fez a esse *núcleo* dizia respeito ao que ele nomeou como núcleo permanente da consciência moral, o supereu. Em se tratando de Hans, a resolução do Édipo ocorreu a partir da inserção de outro elemento na sua relação com a mãe, que, no caso, teve um caráter atípico: no lugar do pai que claudicava, haja vista que não existia um pai real que desempenhasse sua função de castrador e que se interpusesse entre Hans e a mãe, adveio a avó paterna, convocada pela própria criança (Lacan, 1956/1957). Do fim do complexo de Édipo à instauração da lei, há nesse contexto um significante que marca, que fará existir no homem um significante que norteia a sua relação com os demais significantes – que estarão por vir, haverá o supereu. Somente a partir deste raciocínio seria possível entender o que estava envolvido na formação da fobia de Hans. Assim, para Lacan (1956/1957), mesmo com todo o amor paterno, toda sua gentileza e inteligência, não havia pai real.

Contemporâneo a esse período, quando Hans ainda estava com três anos e meio, aconteceu o evento que exerceria a maior mudança na vida do pequeno: o nascimento da irmã Hanna. Tal acontecimento lhe traria dúvidas quanto ao surgimento dos bebês e despertaria sentimentos ambíguos, pois ele não estava mais sozinho com os pais. Hans sinalizava para o desejo reprimido de que Hanna não estivesse entre eles, afinal, ela lhe teria tirado o posto de “sua majestade, o bebê”² (Freud, 1914, p.108), colocando-se entre ele e a mãe. Por outro lado, Lacan (1956/1957) salientou que a criança nunca está sozinha com a mãe, só intervindo como substituta, compensação, “numa referência, qualquer que seja ela, ao que falta essencialmente à mulher” (p. 247). Por isso, a mãe seria apreendida pouco a

² A criança pode simbolizar o objeto de satisfação narcísica de seus pais, pelo fato de estes encontrarem nela aquilo que mais amam em si. Por esse meio, fez-se a analogia com o quadro *Sua majestade o bebê*, em referência ao lugar ocupado pela criança (Freud, 1914).

pouco pela criança, buscando complementar a falta que a marca e que, paulatinamente, a criança satisfaz, mas apenas enquanto satisfação substitutiva.

Buscando explicar o nascimento da irmã, Hans usou da fantasia, que lhe servia para justificar como a irmã teria acompanhado todos nas viagens a Gmunden dentro de uma caixa (que deveria ser entendida, na fantasia de Hans, como o útero da mãe), que, para a criança, tinha o mesmo valor que uma banheira – as duas representavam o espaço que continha os bebês. Nesse sentido, a tentativa de Hans era a de conciliar fato – o que realmente tinha visto – com fantasia – o que imaginava estar por trás dos acontecimentos vistos em partes. Enquanto parte de sua curiosidade sexual, Hans questionava o *pipi* de Hanna, acreditando que este, embora fosse *pequeninho*, quando sua irmã crescesse, ele também cresceria, o que denota sua preocupação e sua lógica compensatória.

Nesse momento já se observava o quanto o imaginário de Hans trabalhava, pois suas fantasias pululavam na tentativa de dar conta do desconhecido e dos esclarecimentos parciais dados pelo pai – a contragosto de Freud, que sustentava a ideia de respostas mais completas aos questionamentos da criança. Um pouco mais tarde surgia a fobia, permeada pela produção imaginária de Hans e atrelada ao encontro da criança com seu próprio pênis. A fobia surgiu quando Hans já contava quase cinco anos e caracterizava-se pelo medo de que cavalos o mordessem e/ou caíssem na rua. Como estratégia para evitar o conflito veio a limitação dos movimentos, logo Hans apresentava medo de sair à rua e barganhava o direito de retornar ao lado da mãe, o que se percebia no aumento da sua afeição por ela – afeição que se transformava em ansiedade.

A ansiedade de Hans, que assim correspondia a uma ânsia erótica reprimida, como toda ansiedade infantil, não tinha um objeto com que dar saída: ainda era ansiedade, e não medo. A criança não pode dizer [no princípio] de que ela tem medo; e quando Hans, no primeiro passeio com a babá, não ia dizer de que tinha medo, isso foi simplesmente porque ele mesmo ainda não sabia (Freud, 1909, p. 36).

Há a ressalva feita por Freud de que a ansiedade teria se iniciado sem a presença da fobia, tanto em relação às ruas ou ao passear, como aos cavalos, configurando-se em ataque de ansiedade. A barganha estava representada nesse ataque, pois com ele podia retornar à casa e, assim, voltar para o lado de sua mãe, o que em seguida não mais se sustentaria, pois a ansiedade não era mais reconversível em anseio logo que Hans apresentava medo, embora a mãe por vezes o acompanhasse nos passeios. Nesse sentido, a ansiedade de Hans

corresponderia ao anseio reprimido, pois, mesmo estando com sua mãe nos passeios diários, ainda sofria de ansiedade, por um anseio insatisfeito em relação à figura materna.

A relação mãe-criança se configurava, portanto, em um engodo marcado pela ansiedade e pela devoração, sendo desse período a única consulta de Hans com Freud. Uma consulta breve, em que o pai de Hans expôs que, mesmo com todos os esclarecimentos já dados ao filho, ainda não tinha diminuído seu medo por cavalos. Por conseguinte, Freud esclareceu Hans quanto a seus sentimentos para com os pais, concluindo que a criança vinha apresentando comportamentos hostis em relação ao pai e, possivelmente, teria manifestado a necessidade de ser punido por conta deste sentimento. Após tal consulta, considerando as pontuações feitas por Freud, este foi sendo informado das melhoras gradativas em Hans. Na medida em que o material inconsciente vinha à tona, a fobia podia ser identificada e a ambivalência de sentimentos para com o pai começava a se tornar mais clara:

Ele chamava atenção para o fato de que seu amor por seu pai entrava em conflito com sua hostilidade para com ele, considerando-o como um rival junto de sua mãe; e censurava seu pai por não haver ainda chamado sua atenção para esse jogo de forças, fadado a culminar em ansiedade (Freud, 1909, p. 54).

Aproximando-se do fim do relato do caso, Freud trouxe algumas fantasias elaboradas por Hans, como a da banheira, a da boneca de borracha e a das filhas imaginárias, as quais, em conjunto, denotam sua importância diante da resolução do episódio, uma vez que, segundo Lacan (1956/1957), toda produção fantasiosa de Hans apontava para a presença do imaginário, posto que seus relatos não se tratavam de sonhos, mas de elucubrações com as quais o analista estaria a trabalhar, essa matéria imaginária rica em ressonâncias.

As fantasias teriam possibilitado a Hans que ele pudesse elaborar acerca da diferença entre os sexos, da gravidez de sua mãe, de seu nascimento e do de Hanna, do seu desejo pela mãe e sentimentos hostis pelo pai. Quanto à gravidez da mãe, Hans teria, sim, notado esse episódio por volta dos três anos e meio e teria juntado os fatos do caso para entender de onde vinha o bebê e onde ele tinha estado anteriormente. Sustentado nisso, teria sido hostil com seu pai ao contar-lhe a história da cegonha, o que aparecia nas brincadeiras em que montava e batia nos cavalos.

O sintoma fóbico

Para Freud (1894/1895), é possível distinguir dois tipos de fobias de acordo com a natureza do objeto temido: as fobias comuns, que se percebem no medo exagerado de coisas que todos detestam ou temem em alguma extensão, como medo da noite, da solidão, da morte, entre outros, e as fobias contingentes, que refletem o medo de condições especiais que normalmente não inspirariam temor, como no caso das fobias de locomoção. Em ambos os casos, no mecanismo fóbico, se encontra um estado emocional de ansiedade, o qual, por meio de um processo seletivo, promove as ideias adaptadas ao nível do sujeito de uma fobia.

No caso de Hans, Freud o dispôs na categoria da histeria de angústia enquanto tipo particular de fobia cujo mecanismo se parecia com o da histeria (Freud, 1909). Com isso, Freud pretendeu expor a ideia de que as fobias deveriam ser consideradas como síndromes que podiam fazer parte de várias neuroses, o que, mais à frente, foi designado por Lacan (1968/1969) sob a ideia da fobia como placa giratória, logo não seria uma entidade clínica isolada, mas estaria a serviço de mais de uma estrutura: “Ela (a fobia) gira mais do que comumente para as duas grandes ordens da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão” (Lacan, 1968/1969, p. 298).

Partindo-se do princípio que toda produção sintomática tem sua função e, enquanto resolução de um conflito, é estruturante, acredita-se que a fobia de Hans foi elaborada para seu benefício. A fobia teria dirigido a atenção dos pais para as dificuldades com as quais qualquer criança se depara no curso da sua formação subjetiva, tendo de superar os componentes instintuais que lhe são inatos, mas reprimidos, além de lidar com o desconhecido com que diariamente se depara. O desconhecido para Hans suscitava-lhe dúvidas, mas também o fazia produzir curtos-circuitos ideacionais capazes de promover respostas que lhe pareciam ser coerentes. Quanto a essa questão, faz-se necessário pontuar o quanto foram efetivos os esclarecimentos dados por Freud, quando da única consulta que Hans teve com o mesmo, a partir da qual observou-se certo progresso na análise da criança. Nessa consulta, Hans foi capaz de lembrar-se do acontecimento, que, em si mesmo, não seria de muita importância, porém teria sido causa precipitadora da doença. Tudo teria se iniciado no passeio que ele fez com sua mãe e viu um cavalo de ônibus cair e escoicear:

Por trás do medo que Hans expressou primeiro, o medo de que um cavalo o mordesse, descobrimos um medo mais profundamente assentado, o medo de cavalos caindo; e os dois tipos de cavalos, o cavalo que morde e o cavalo

que cai, foram mostrados para representar seu pai, que ia puni-lo pelos maus desejos que ele estava nutrindo contra ele. Nesse ínterim a análise tinha se afastado do tema da sua mãe (Freud, 1909, p. 132).

A formação do sintoma em Hans

Nesse ponto, foi esclarecido que o acidente com o cavalo só ganharia estatuto de traumático quando associado a outro evento ocorrido em Gmunden: a queda de um colega enquanto eles brincavam de cavalo. A partir disto, deu-se o retorno do reprimido, sendo remodelado o material patogênico e transposto para o complexo do cavalo, na medida em que os afetos eram transformados em ansiedade. Portanto, destacava-se o fato de que o conteúdo da fobia de Hans atravessava um processo de distorção e de substituição para que sua consciência tomasse conhecimento dele, processo comum na formação dos sintomas. Assim, a fobia, enquanto saída sintomática e modo de se posicionar no mundo, aparece como sinal e substituta das satisfações instintuais que permaneciam em estado latente (Freud, 1925/1926).

Segundo essa lógica, a libido de Hans se transformava em ansiedade, sendo projetada de seu principal objeto de fobia para os cavalos. Estes, antes, objetos de intenso prazer, eram transformados em objetos de medo. Por trás dessa ansiedade havia o medo de ser mordido por um cavalo, o que, por sua vez, substituíra, por distorção, a ideia de ser castrado pelo pai, uma ideia reprimida. Diante do perigo da castração, aparece o sinal de ansiedade, ao tempo em que se forma a fobia: “E agora a ansiedade de castração é dirigida para um objeto diferente e expressa de forma distorcida, de modo que o paciente teme não ser castrado pelo pai, mas ser mordido por um cavalo” (Freud, 1925/1926, p. 148).

A ansiedade pertencente à fobia seria da ordem do condicional, pois só surgiria quando o objeto dela fosse percebido, não sendo preciso, pois, ter medo da castração de um pai que não se encontrava presente. No caso, como não era possível livrar-se do pai, substituí-lo por um animal facilitava as coisas, pois o que se tinha a fazer era evitar o encontro com o animal, ficando livre do perigo e da ansiedade. Hans impunha uma restrição ao seu ego, produzindo a inibição de não sair de casa como meio de não encontrar qualquer cavalo. Assim, se a ansiedade é uma reação a uma situação de perigo, tudo o que se tinha a fazer era evitar tal situação e desta forma “[...] se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade” (Freud, 1925/1926, p. 152).

Vale ressaltar que toda a questão também começou quando o pequeno Hans se deparou com seu órgão sexual, vindo este a se tornar objeto de satisfação, o que posteriormente terminaria por envolver o que se chamou de angústia. A angústia, no caso, estaria atrelada ao que Hans avaliava como sendo capaz de dar e o que o fazia ser amado, referindo-se à possibilidade de poder oferecer o seu *pipi* enquanto representante fálico e objeto real de seu amor, ao tempo em que demonstrava ser algo da ordem da separação. Logo, Hans evidenciava em mais de uma situação o receio de que seu pai ou mãe fosse embora.

Com tudo isso, a angústia não deveria ser em nenhum momento confundida com a fobia, ao passo que a diferença entre as mesmas é de grande sensibilidade e a fobia inclui elementos irreduzíveis muito pouco representativos. Para Lacan (1956/1957), no caso específico, a diferença entre as duas estaria na relação entre o sentimento de medo e o de angústia que Hans apresentou quando se viu *fora do jogo* a partir do nascimento de Hanna, logo, não lhe seria mais possível preencher a função que lhe cabia, não sendo nada mais.

Assim, consideramos uma distinção entre fobia e angústia, o que não anula uma relação entre ambas: “Se existem aí duas coisas que se sucedem, não é sem razão: uma vem em socorro da outra, o objeto fóbico vem preencher sua função sobre o fundo da angústia” (Lacan, 1956/1957, p. 211). Soma-se a isso a consideração que o objeto fóbico vinha desempenhar o papel que, por conta de alguma carência – carência real no caso de Hans – não era preenchido pelo pai.

Ao cavalo coube assumir essa função, sendo o componente em torno do qual giravam todos os tipos de significações que formavam um elemento de suplência ao que faltou a Hans, sendo escolhido dentre as figuras que pairavam num livro da criança, que faziam parte de seu cotidiano e correspondendo a sua ordem simbólica. Por isso pode-se afirmar a função de ancoragem que representava o cavalo: “O sujeito escolhe uma delas para preencher uma função bem precisa, a de assegurar a estabilização momentânea de certos estados: no caso presente, do estado de angústia” (Lacan, 1956/1957, p. 412). Segundo Lacan, considerando a fobia em andamento, a mesma estava representada pelo pavor que Hans sentia do cavalo: “O fato de que a imagem do cavalo desponte no horizonte já indica que a criança se prepara para entrar na fobia” (*op. cit.*, p. 245). A partir do momento em que a fobia despontou na vida da criança, frente aos cavalos não era angústia que Hans experimentava, mas medo.

A criança tem medo de que aconteça alguma coisa de real, duas coisas, nos diz ela: que os cavalos mordam, que os cavalos caiam. A fobia não é de modo algum a angústia. A angústia [...] é algo que é sem objeto. Os cavalos

saem da angústia, mas o que eles portam é o medo. O medo concerne sempre a alguma coisa articulável, nomeável, real: estes cavalos podem morder, eles podem cair, eles têm ainda muitas outras propriedades (*op. cit.*, p. 252).

O medo de Hans não era do cavalo, mas dos cavalos, de modo que, diante da emergência da fobia, o mundo lhe aparecia como repleto de pontos perigosos à sua vivência. Se antes a criança se percebia no interior da mãe e posteriormente sentiu-se rejeitada deste lugar, ou imaginou ser rejeitada, com o advento da fobia instaurou-se uma nova ordem que se pôs a estruturar seu mundo: a ordem simbólica.

Diante da passagem do imaginário ao simbólico e o significado assumido pelo cavalo, Lacan alertou para o risco de se reduzirem aos termos seus equivalentes. Ao contrário, cada um dos elementos só seria concebível na relação com outros elementos igualmente significativos, pois seria impossível dar, por exemplo, ao cavalo uma significação unívoca. O cavalo, que, inicialmente, é a mãe, posteriormente é o pai, vindo também a ser o pequeno Hans quando este brincava de sê-lo, ou até mesmo o pênis. Quando o pai o esclareceu sobre a relação entre o cavalo e o que havia de interdito – pôr a mão no seu pênis – sinalizando para algo que não seria tão importante na tentativa de reduzir a culpa em Hans, ele, que até então tinha medo de cavalos, passa a se sentir na obrigação de olhá-los. “Em outras palavras, o que é preciso agora olhar é justamente o que antes não se devia olhar” (Lacan, 1956/1957, p. 287).

Por conseguinte, o cavalo assumia o papel de defender alguma coisa, logo, a fobia era considerada uma proteção contra a angústia. Dado isso, a angústia não seria o medo de um objeto, mas o confronto do sujeito com a ausência de objeto onde ele é apanhado, onde se perde e onde seria preferível forjar o menos objetual dos objetos, uma fobia (Lacan, 1956/1957). O medo de Hans poder-se-ia entender como medo da ausência do pai, por exemplo, ausência que se manifesta e que a criança começava a simbolizar. Nesse caso, haveria duas ordens de angústia, a angústia *diante do pai* e a angústia *em torno do pai*, problematizando essa segunda, uma vez que se referia à angústia em torno de um lugar vazio, furado, que teria sua representação na figura do pai sob a perspectiva de Hans, o qual buscava suporte na fobia, na angústia diante do cavalo.

Ainda sobre o cavalo e seus significados, consideramos que “Desde que aparece, o cavalo é, pois, carregado de uma profunda ambiguidade. Ele já é um signo próprio para tudo, exatamente como o é um significante típico” (Lacan, 1956/1957, p. 295). Por isso a consideração de que, na neurose, nenhum elemento

significante, objeto ou ato sintomático pode ser tomado como de importância unívoca.

Todas as questões referentes aos significantes e seu espectro de significados assumidos no desenvolvimento fóbico de Hans poderiam estar sob a compreensão de uma fomentação mítica – esta entendida como os diferentes elementos significantes, os quais, em sua ambiguidade, seriam produzidos para recobrir aproximadamente qualquer significado, mas não todos os significados ao mesmo tempo. Por isso, pode considerar-se a presença do significante *cavalo* em seu papel polarizador, de modo patologizante. “O cavalo começa a partir daí a pontuar o mundo exterior por signos. [...] Esses sinais reestruturam para Hans o mundo, marcando-o profundamente com todos os tipos de limites” (Lacan, 1956/1957, p. 313). Do cavalo foi feito um objeto quase arbitrário, sendo por isso chamado de sinal, pois, no campo de confusões, definiam-se limites que tornavam possível a instauração da ordem, primeiro ponto da cristalização organizada entre o simbólico e o real.

Por outro lado, antes mesmo de ser um cavalo, este era um elemento que ligava e coordenava, desempenhando a função de mediação, de coordenação gramatical do significante. Dado isso, Hans associava sua fobia ao cavalo; assim, no nascimento da fobia – quando enunciava que “por causa do cavalo, apanhei a bobagem” – encontrava-se diante do processo típico da metonímia, “de um ponto da linha textual ao ponto que se segue” (Lacan, 1956/1957, p. 324), o que explicaria o porquê do movimento de passar do circuito do cavalo para o circuito da estrada de ferro (*op. cit.*).

Ligando os pontos

Mas então qual seria o sintoma de Hans? Segundo Chemama (1995), o sintoma pode ser compreendido como o retorno de uma satisfação sexual que fora recalcada, ao mesmo tempo em que é uma formação de compromisso. Para Freud (1916/1917a), os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, o qual tem como um dos seus componentes a libido insatisfeita, afastada da realidade e por isso à procura de outros meios para satisfazer-se. Não ocorrendo mudanças nas exigências da realidade, mesmo que a libido possa assumir outro objeto no lugar daquele que lhe fora recusado, a libido segue o caminho da regressão em busca de satisfação. Desta forma, o sintoma surge como “um derivado múltiplas vezes distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente” (Freud, 1916/1917a, p. 363), além de ter um sentido, apresentando conexão com a vida de

quem os produz, ao se relacionar com as experiências do sujeito (Freud, 1916/1917b).

Por um lado, os sintomas produziriam um substituto às satisfações frustradas, através da regressão da libido, por outro, o sintoma da criança em específico responde ao que existe de sintomático na estrutura familiar, estando no lugar do sintoma do par parental ao representar a verdade do casal (Lacan, 2001). Nesse caso da sintomatologia infantil dizer respeito ao par familiar, o sintoma da criança, segundo Miller (1998), já estaria articulado com a metáfora paterna, envolvido assim em substituições e seria possível ao psicanalista intervir de modo a prolongar o circuito, dando continuidade às substituições.

Anos após a publicação do caso Hans, Freud (1925/1926) retomava essa problemática questionando se o sintoma desta criança seria o medo, a escolha de um objeto para seu temor, o fato de Hans ter abandonado sua liberdade de movimento, ou se seria mais de um desses fatores combinados. Freud atentou ao fato de que a criança não sofria de um medo vago de cavalos, “mas uma apreensão bem definida de que um cavalo ia mordê-lo” (Freud, 1925/1926, p. 123) e que essa ideia esforçava-se por sair da consciência e ser substituída por uma fobia indefinida na qual a ansiedade e seu objeto aparecessem.

A aposta freudiana era a de que o medo que fazia parte da fobia não deveria ser tomado como sintoma, mas o deslocamento que representou a substituição do pai por um cavalo e que, “[...] incidentalmente, constitui um mecanismo alternativo que permite um conflito devido à ambivalência ser solucionado sem o auxílio da formação reativa” (Freud, 1925/1926, p. 125). Portanto, a fobia em Hans teria a função de eliminar o conflito devido à ambivalência que acometia a criança – amor e ódio dirigidos a seu pai – e seu excesso de afeição pela mãe.

No que se refere à relação com a figura materna, lembramos que se caracterizava por ser uma relação baseada na estrutura de devoração, que se fazia valer das brechas deixadas por um pai ausente. Nesse ponto, mostra-se importante dedicar-se um pouco mais à relação de Hans com seu pai, que teve sua implicação na fobia delineando-se sobre esta figura que deveria, por sua função, realizar a interdição materna.

Segundo Lacan (1956/1957), pode-se estruturar o pai a partir dos três registros: simbólico, imaginário e real³. Primeiramente diferenciou-se o pai simbólico – aquele que só seria alcançado por uma construção mítica, mas que, no final das contas, não está representado em parte alguma – do pai imaginário,

³ Criados por Lacan para situar quanto à realidade do sujeito. Real – simplesmente existe e não se inscreve. Imaginário - engloba imagens e refere-se à ordem das fantasias. Simbólico – símbolos organizados na linguagem; considera a articulação significante-significado.

aquele com o qual lidamos o tempo todo e a quem se refere a dialética da agressividade, da identificação, da idealização pela qual o sujeito chega à identificação. No segundo momento, foi diferenciado o pai real, cuja apreensão pela criança é difícil por conta das fantasias e da necessidade da relação simbólica, sendo ao pai real que se refere todo o complexo de castração. Assim,

Se a castração merece ser efetivamente isolada por um nome na história do sujeito, ela está sempre ligada à incidência, à intervenção, do pai real. Ela pode igualmente ser marcada de uma maneira profunda, e profundamente desequilibrada, pela ausência do pai real. Essa atipia, quando ocorre, exige então a substituição do pai real por alguma outra coisa, o que é profundamente neurotizante (*op. cit.*, p. 226).

Nessa perspectiva, o pai simbólico se apresenta como elemento mediador do mundo simbólico e de sua estruturação e, no caso de Hans, este pai é Freud, – o pai real deve se colocar na assunção da função sexual viril, posição que deveria ser ocupada pelo próprio pai de Hans. No mecanismo do complexo de castração, é preciso que o pai real jogue de fato o jogo, assuma sua função de pai castrador, a função de pai sob sua forma concreta. A questão residia na necessidade de Hans de encontrar uma suplência para este pai que se dedicava a não castrá-lo. “Aí está o fundamento da angústia. O que há de intolerável em sua situação é essa carência do lado do castrador” (Lacan, 1956/1957, p. 375).

Se, por um lado, o pai não desempenhava seu papel de castrador, outras personagens o desempenhavam, como o bombeiro e o instalador. O que as fantasias dessas respectivas personagens apontavam era a seguinte ordem de acontecimentos: primeiro o desmonte, para depois a instalação, o que sintetizaria a simbolização do complexo de castração. “Algo se esboça na fantasia da banheira e da furadeira. Como todas as fantasias do pequeno Hans, este é o começo de articulação da situação” (Lacan, 1956/1957, p. 377). A resolução do próprio complexo apontava para uma identificação de Hans com o falo materno, o que não significava que, de seu pênis, ele pudesse assumir a função. Esse pênis ficava à margem, reprovado pela mãe. O que decorria dessa situação não lhe possibilitava integrar sua masculinidade a não ser através da formação da identificação com o falo materno.

Quanto a outras peculiaridades desse complexo, percebia-se que, se por um lado Hans demonstrava certa hostilidade pelo pai, por outro tinha por ele bons sentimentos, o que o levava a dificilmente temer, por parte do pai, um tratamento caracterizado pela castração. Nesse ponto, Lacan (1956/1957) pontuou que foi

preciso a intervenção de Freud para restringir os cuidados maternos, que tudo permitia ao filho, inclusive que este fosse o terceiro na cama do casal, por várias vezes, até mesmo excluindo o pai de seu lugar.

Destarte, o pai se apresentava como tolerante, porém completamente sem controle da situação, pois, mesmo fazendo observações, as considerações maternas eram as últimas. Além disso, houve uma fala marcante da mãe de Hans que o proibia de masturbar-se, enunciação que sinalizou a ameaça de castração, mas cujo efeito foi duvidoso, logo a criança continuou a masturbar-se *só um pouquinho*, às escondidas. Se isso não lhe trazia então nenhuma angústia e a criança continuava a se masturbar, posteriormente seria integrado ao próprio conflito, a se manifestar no momento da fobia.

Ainda no que diz respeito ao complexo de castração, observava-se que, no período anterior à fobia, ainda se fazia presente, uma vez que Hans brincava com seu *faz-pipi*, utilizando-se deste como objeto de brincadeira de esconde-esconde. Nessa perspectiva, o *faz-pipi* não está só no próprio Hans, mas também é o de sua mãe, o de seu pai, ou mesmo do cavalo grande, de modo que a criança se vê, na opinião dos pais, apresentando de saída uma problemática do falo imaginário, que, à medida que está em todo lugar, não está em lugar algum. Na relação com o *faz-pipi*, Hans demonstrou o caráter exibicionista, característica simbólica percebida em suas brincadeiras, em que mostra o pênis, mas, no escuro, o esconde.

Diante do exposto, considera-se a constituição de uma orgia imaginária presente no desenvolvimento da fobia, entendendo-se orgia imaginária como a representante das diversas fantasias elaboradas pelo pequeno Hans e cuja análise estava sob a intervenção do pai real, o próprio pai de Hans. A fobia apenas teria alcançado uma cura satisfatória devido à intervenção justamente deste pai, que intervinha muito pouco e que só o tinha feito porque era orientado pelo pai simbólico, Freud. Segundo Lacan, por cura satisfatória entendia-se a situação proveniente da revelação da castração, que teria dado fim à fobia. A cura teria chegado no momento em que a castração se exprimiu de modo mais claro, através da fantasia do bombeiro que desaparefusa a criança e lhe dá um novo *pipi*: “[...] a solução da fobia está ligada à constelação dessa tríade: orgia imaginária, intervenção do pai real, castração simbólica” (Lacan, 1956/1957, p. 235).

Nesse sentido, anos mais tarde, Lacan (1968/1969) trouxe como verdadeiro pivô do caso o que entrava em jogo a todo instante, o que estaria na fronteira entre o imaginário e o simbólico. Para Miller (2008/2009), a lógica do tratamento do pequeno Hans se formalizaria através do processo de simbolização, quando houve a passagem do imaginário ao simbólico. A simbolização ocorrida seria a do falo, portanto, o tratamento de Hans partiu do falo imaginário ao falo simbólico, podendo

articular-se a doença da criança aos momentos em que sua posição era desestabilizada, seja quando do aparecimento do falo como elemento real, seja quando do nascimento de Hanna.

Seguindo essa lógica, o tratamento se confundiria com a elaboração da metáfora paterna⁴, “[...] é dizer que, nesse caso, no caso de uma análise infantil, a lógica do tratamento é idêntica à metáfora paterna” (Miller, 2008/2009, p. 75). No caso de Hans, a fim de cuidar do sintoma fóbico, o poder simbólico do significante pai substituiria o poder imaginário da mãe, a metáfora paterna não se constituindo de forma plena, “mas de forma oblíqua, desviada” (Miller, 2008/2009, p.75). O sintoma fóbico assumiria o papel do Nome-do-Pai⁵, na medida em que um poderia substituir o outro, apontando para a carência do pai real, por isso notava-se que Hans convocava constantemente o Nome-do-Pai, um chamado permanente a um pai que lhe fosse terrível. Dada essa situação, pode-se afirmar que coube a Hans elaborar um pequeno Nome-do-Pai através de seu sintoma.

Se, por um lado, o tratamento realizado com Hans foi considerado privilegiado por constituir-se em uma cura por excelência, “Há um sintoma manifesto e este sintoma desaparece. Há cura. [...] Há resolução curativa” (Miller, 2008/2009, p. 74), por outro, essa afirmativa tem sua limitação. O tratamento de Hans esbarrava em um obstáculo, pois, como já foi dito, a lógica do tratamento se confundia com a elaboração da metáfora paterna.

Quanto ao final da análise do caso e à realização do complexo de Édipo, em Hans essa resolução pode ser entendida como atípica, pois ele não teria promovido uma mudança na sua relação com o pai no sentido de não ter rompido os laços “fortemente amarrados por toda essa experiência analítica” (Lacan, 1956/1957, p. 394). Ao término do relato do caso, foi exposto como o pai veio ocupar o lugar de avô, pois Hans casava seu pai com a avó paterna, para poder assumir o lugar do pai casando-se com a própria mãe. Ao final, o pequeno Hans, concebendo-se como o pai, tornou-se função da mãe e da avó, logo a mãe, ao final, foi desdobrada, duplicada, o que tange à relação objetal.

Nesse circuito, na medida em que por trás da mãe posicionou-se uma segunda, Hans instaurou a si mesmo numa paternidade da ordem do imaginário. “A partir daquele momento, o que diz o pequeno Hans? Quem vai ter os filhos? É ele, ele o diz muito claramente. [...] só que vão ser crianças imaginárias” (Lacan,

⁴ Fórmula utilizada por Lacan para designar a substituição de um significante por outro significante, no caso o pai entra como significante substituto do significante do desejo materno, que seria o primeiro significante introduzido na simbolização (Lacan, 1957/1958).

⁵ Resultante da metáfora paterna, o Nome do Pai possibilita a decifração do desejo enigmático da mãe e está na origem da significação fálica.

1956/1957, p. 395). Enquanto assumia a função paterna imaginária, Hans substituiu a mãe e tinha filhos como ela os tinha, além de imaginarizar a própria irmã, fantasiando sua gestação e nascimento. Como fruto dessa lógica, a mulher para ele nunca passaria da fantasia das pequenas irmãs-filhas que ele teve e, assim, seu parceiro feminino não se engendraria a partir da mãe, mas dos filhos imaginários que ele pôde fazer na mãe. “Ele terá, com certeza, todas as aparências de um heterossexual normal. Todavia, o caminho que terá percorrido no Édipo para chegar até aí é um caminho atípico, ligado à carência do pai” (Lacan, 1956/1957, p. 396).

Todo esse engendramento repercutiria na resolução da fobia de Hans, na qual, mesmo frente à presença-ausência da ação paterna, ele se inscreveu “numa espécie de linhagem matriarcal, ou [...] de reduplicação materna” (Lacan, 1956/1957, p. 397), apontando para a necessidade da terceira personagem, a qual, na falta do pai, foi a avó.

Ainda no que diz respeito à relação com o pai, em 1972, Hans, já adulto, falou sobre a figura paterna ao conceder uma entrevista sobre ópera a uma revista, pois se destacava como diretor de cena na época. Nesta entrevista, Hans refere-se ao pai como um homem extraordinário, “[...] o mais extraordinário que conheci” (Graf, 1972, s/p), posicionamento que sugere certa mudança no modo de vê-lo. Em mais de uma resposta ao entrevistador, esse é descrito como uma pessoa inteligente:

Foi um homem universal, mas ao mesmo tempo um autêntico vienense em todos os sentidos: sabia como desfrutar de um copo (ou mais) de vinho, e da companhia de mulheres bonitas. Uma das minhas memórias infantis mais vívidas é a de vê-lo no estribo do trem lotado de gente, indo à partida de futebol de domingo no Hohe Warte, com uma mão na bandeira e com a outra segurando seu livro mais precioso, uma cópia muito usada, cheia de anotações, da *Crítica da Razão Pura* de Kant (Graf, 1972, s/p).

A partir disto nota-se que a ambivalência amor-ódio que Hans manifestava pelo pai e o acompanhou durante a infância não perdurou até sua idade adulta e que a ausência-presença paterna havia sido elaborada de modo a dar lugar ao sentimento de admiração. Os traços mnêmicos pertencentes a esse sentimento ambíguo teriam sucumbido ao esquecimento e não teriam influenciado de forma negativa o desenvolvimento de Hans e assim, mesmo via resolução atípica, o Édipo teria obtido uma resolução considerada satisfatória.

Concluindo

Respondendo à questão que norteou este trabalho, *Qual o lugar da fobia no caso O pequeno Hans?*, acreditamos que a fobia deveria ser reconhecida como produção sintomática a possibilitar que Hans se posicionasse na rede de relações simbólicas e constituísse seu modo de olhar para o mundo a sua volta. A formação do sintoma teria ocorrido de modo *a posteriori*, atravessando um processo de distorção e de substituição, pois os eventos traumáticos não tiveram essa característica logo que sucederam, só depois. Neste sentido, a fobia aparecia na tentativa de instaurar a ordem simbólica, que se constituía de modo claudicante, e o cavalo se colocava como objeto sinal a estabelecer os limites faltantes e fundar a lei.

Se, por um lado, o medo de ser mordido presente no sintoma fóbico que trazia da relação com sua mãe – relação de devoração – por outro também dizia da relação da criança com o pai. Logo, a angústia produzida advinha da carência do lado do castrador. Deduz-se com isso que Hans estava a todo instante a convocar o pai a que ele instaurasse a lei, exercesse a função de castrá-lo e viabilizasse a realização da metáfora paterna. Por fim, frente à carência do pai real, o sintoma aparecia como substituto ao Nome-do-Pai, um substituto carregado dos desvios e deslocamentos que lhe eram possíveis. □

Abstract

The little Hans case study: the phobic symptom as a window to the world

This paper discusses the phobic symptom in the *little Hans*' study case, as stated by Freud in 1909. For such, we performed a theoretical study, whose methodology was the literature research. The article considers Hans' phobia as a symptomatic output that served him as a possible mean to put himself in the world and set himself in the symbolic order. Thus, issues such as anxiety, distress, and the challenge of the substitutive function taken by Hans' phobic symptom faced with the lame paternal function are studied.

Keywords: child, Hans's study case, phobia, symptomatic resolution.

Resumen

El caso *El pequeño Hans*: el síntoma fóbico como ventana al mundo

Este artículo discute el síntoma fóbico en el caso del *pequeño Hans*, comunicado por Freud en 1909. Para este fin se realizó un estudio teórico, cuya metodología fue la investigación en la literatura. En el artículo se considera que la fobia, como producción sintomática, le sirvió a Hans como un medio posible para posicionarse en el mundo y entrar en el orden simbólico. De este modo, se trabajan cuestiones como la ansiedad, la angustia y la apuesta en función substitutiva asumida por el síntoma fóbico de Hans ante la función paterna fallida.

Palabras clave: niños, caso Hans, fobia, resolución sintomática.

Referências

- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Freud, S. (1894/1895). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 83-100), Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1907) O esclarecimento sexual das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 71-77), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 111-121), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1909). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 11-154), Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 85-119), Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1916/1917a). Os caminhos da formação dos sintomas. In *edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 361-378), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1916/1917b). O sentido dos sintomas. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 265-279), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925/1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras*

psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 10, pp. 93-201), Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- Graf, H. (1972). Memórias de um homem invisível: Herbert Graf recorda meio século de vida no teatro. Um diálogo com Francis Rizzo. *Fort-Da: Revista de Psicoanálisis con Niños*, 10, nov. 2008. Recuperada de <http://www.fort-da.org/fort-da10/herbertgraf.htm>
- Lacan, J. (1956/1957). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Lacan, J. (1957/1958). A metáfora paterna. In *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (pp. 166-184). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Lacan, J. (1968/1969). Saber poder. In *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (pp. 286-298). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1969/1970). Édipo e Moisés e o pai da horda. In *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (pp. 95-110). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- Lacan, J. (2001). Nota sobre a criança. In *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Miller, J. A. (1998, abril). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana* (21): 7-12.
- Miller, J. A. (2008/2009, novembro/abril). A lógica do tratamento do pequeno Hans segundo Lacan. *Asephallus: Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, 4 (7): 70-85.

Recebido em 12/12/2014

Aceito em 20/05/2015

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Leilane Gabriela de Souza Bonfim

Trav. José Amaro, 26, Centro
48960-000 – Jaguarari – BA – Brasil
e-mail: leilagab1@hotmail.com

Rogério da Silva Paes Henriques

Rua Francisco Rabelo Leite Neto, 500/204
Caueira, Atalaia
49037-240 – Aracaju – SE – Brasil
e-mail: ruggerosph@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA